

Nomeação e Espacialização como agentes do trágico em “Os Maias”

Nomination and Spatialization as agents of the tragic in “Os Maias”

Amanda Kristensen de Camargo
Doutoranda em Letras – UNIOESTE
<https://orcid.org/0000-0002-7569-1091>
amandakristensen.prof@gmail.com

Resumo

Antes que as primeiras considerações desse estudo se iniciassem, aconselhar-nos-ia Steiner (2006 [1961]) que a tragédia está morta, bem como nos lembraria Saussure (2006 [1916]) de que o referente não se insere na lógica arbitrária da língua; mas, como comprova Bacon (2005 [1869]), é mais fácil desconfirmar hipóteses que tentar demonstrar que algo sempre acontecerá. Com base nessa lógica *dicto simpliciter*, esse estudo busca corroborar a ocasião de uma tragédia em meio à produção literária realista e a relevância de aspectos menos arbitrários da língua – os nomes próprios – para essa comprovação. Atuando de forma interdisciplinar, como permite a onomástica literária, esse trabalho situa a obra portuguesa “Os Maias” como uma tragédia híbrida luso-burguesa, bem como teoriza as funções dos antropônimos (GUÉRIOS, 1973) e do espaço, enquanto agentes trágico-determinantes da obra mencionada; função possibilitadora da perspectivização do trágico em um contexto ficcional burguês.

Palavras-chave: Onomástica literária; Antroponomástica literária; Toponímia literária; Os Maias; Tragédia burguesa.

Abstract

Before the first considerations of this study began, Steiner (2006 [1961]) would advise us that the tragedy is dead, as well as remind us of Saussure (2006 [1916]) that the referent does not fit the arbitrary logic of language; but, as Bacon (2005 [1869]) proves, it is easier to disconfirm hypotheses than to try to demonstrate that something will always happen. Based on this *dicto simpliciter* logic, this study seeks to corroborate the occasion of a tragedy in the midst of realistic literary production and the relevance of less arbitrary aspects of the language - proper names - for such proof. Acting in an interdisciplinary way, as the literary onomastics allows, this work situates the Portuguese work “Os Maias” as a hybrid Portuguese-bourgeois tragedy, as well as theorizing the functions of anthroponyms (Guérios, 1973) and space, as tragic-determining agents of the mentioned work; enabling function of the perspective of the tragic in a bourgeois fictional context.

Keywords: Literary onomastics; Literary anthroponomastics; Literary toponymy; Os Maias. Bourgeois tragedy.

Considerações Iniciais

A tragédia clássica caracteriza-se, primordialmente, pela construção de uma tessitura textual que compreende ações de personagens pré-determinadas pela vontade dos deuses; ou seja, não há um enredo que descreve ações trágicas consequentes do caráter das personagens, mas sim a linearidade de ações pré-moldadas que levam a personagem, inclusive de caráter ilibado, a cumprir seu destino trágico já estabelecido.

Segundo Steiner ([1961] 2006) e Nietzsche (1995), na modernidade, a tragédia estaria morta. Para o primeiro autor, o racionalismo moderno não mais permitiria um paradigma metafísico necessário à tragédia; logo, para o crítico, a tragédia seria um gênero não pertinente à sociedade contemporânea. Abrindo caminhos para o pensamento moderno de Steiner ([1961] 2006), Nietzsche ([1873; 1995) aponta, ainda em 1873, que o trágico e não a tragédia reapareceria, uma vez que os tempos modernos clamariam para que se fragmentasse a então postura ingenuamente otimista perceptível na modernidade. Por outro lado, não haveria um renascimento da tragédia, mas uma readequação do trágico, na qual o homem geraria o paradigma do inexplicável e não os deuses.

Entretanto, de acordo com Williams (2002), a tragédia vive e a ela se cola um predicado que lhe permite a existência: moderna. Para o autor, estaria exatamente na atuação dos deuses, presente no gênero clássico, a diferença perceptível entre os enredos trágicos clássicos e modernos. Williams (2002) defende que em um contexto “burguês moderno” existam tragédias; porém, estas se centrariam no caráter das personagens, o qual, ao se fazer corrompido – especialmente pelo meio – geraria perspectivas que recuperam a intensidade da *hybris* ou “desmedida” (ARISTÓTELES, 1966), ou seja, a perspectiva trágica do erro que a personagem comete.

Assim, apesar de Nietzsche e Williams chegarem a fins totalmente opostos com relação à tragédia – sua presença ou apagamento moderno – ambos concordam com relação ao papel que o homem e seu caráter no contexto moderno geram para que haja a concretização do trágico.

Nascimento (2006), por sua vez, contemplando também a estética do gênero tragédia defende que esta pode se concretizar em outras materializações discursivas – que não somente a imitação de uma ação importante apresentada por atores –teorizando sobre a possibilidade da “perspectivização da tragédia”, mediante a qual se faria possível o empréstimo de elementos e aspectos de um tipo específico de gênero textual, no caso, a tragédia clássica, e a inserção e manipulação desses elementos e aspectos em um texto distinto daquele dos quais foram emprestados, no caso em questão, o romance.

Essa percepção com relação à tragédia e à possibilidade de uma perspectivização híbrida do gênero em questão permite que adentremos às nossas primeiras considerações acerca da obra “Os Maias”, de Eça de Queirós, contemplando-a enquanto uma tragédia híbrida luso-burguesa, na qual não há determinação tão somente do caráter das personagens para a possibilidade do nascimento do trágico (WILLIAMS, 2002), mas de uma força terceira a qual chamamos agentes trágicos determinantes, que outrora como os deuses orquestra todo o enredo; nela, os elementos da tragédia clássica, como o destino e o presságio são perceptíveis, principalmente por meio da escolha dos antropônimos ficcionais, ou seja, do nome das personagens, e da caracterização do espaço.

Para contextualizarmos “Os Maias” enquanto uma tragédia híbrida luso-burguesa, apresentaremos pontos corporificadores da perspectivização trágica (Nascimento, 2006) na obra de Eça de Queirós, apontando, por meio destes, o diálogo do enredo com a tragédia clássica (Aristóteles, 1966) e moderna (Williams, 2002). Posteriormente, para a descrição da função dos nomes próprios na obra enquanto concretização do paradigma metafísico, mencionado

por Steiner (2006) valer-nos-emos de considerações de estudiosos da área da Linguística, como Leite (2008) e, especificamente, da Onomástica, ciência que estuda os nomes próprios, como Guérios (1973), trazendo-as para o campo literário, o que acrescenta ao nosso trabalho um viés onomástico-literário. Ademais, com relação à caracterização do espaço, também enquanto agente trágico determinante, assim como o nome próprio, baseamos nossas considerações teóricas na perspectiva de Filho (2007), propondo uma breve aferição do âmbito espacial da narrativa pela Topoanálise e pela Toponímia Literária.

“Os Maias”: uma tragédia híbrida luso-burguesa

Para que se compreenda a obra “Os Maias” enquanto uma tragédia híbrida é preciso considerar que, em sua estrutura, dialogam elementos da tragédia clássica, bem como da tragédia moderna. Por outro lado, antes que estes possam ser explorados, é preciso compreendê-la essencialmente enquanto tragédia, o que se faz possível, conforme já mencionado, mediante a perspectivização trágica (NASCIMENTO, 2006).

Para Nascimento (2006),

[...] a **perspectivização trágica** dá-se a partir da ação consciente e deliberada de escritores e de narradores de imporem aos narratários e leitores uma visão dramático-trágica do/sobre o evento narrado ou poetizado” [...] implica a identificação e discussão de modos e meios da representação literária do trágico; na identificação e análise de elementos e aspectos do texto dramático no texto narrativo e poético e na interpretação da manipulação desses elementos e aspectos tanto no plano da enunciação quanto no plano do enunciado. (NASCIMENTO, 2006:143)

Os resíduos do trágico podem ser retomados em textos narrativos, como no gênero romance, mediante a visitação a diversos elementos textuais, desde o título da obra e sua estrutura até a “descrição, narração e poetização de situações denominadas de trágicas” (NASCIMENTO, 2006:142).

Com relação ao título da obra “Os Maias”, é perceptível a focalização de um antropônimo, ou seja, de um nome próprio; fato linguístico que se repete em diversas outras tragédias (LEITE, 2008): “Édipo Rei”, “Medeia”, “Antígona”, entre outras. Por outro lado, o antropônimo ficcional “Os Maias” funciona como uma pluralização de um nome de família (VAN LANGEDONCK, 2007), denotando a fragmentação da univocidade, ou seja, a contemplação de mais de um indivíduo por um único lema. Logo, ainda no início do romance, o leitor tem a compreensão de que o título da obra se trata de um sobrenome que, ao final da leitura, abarca a tragédia de toda uma família:

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas - e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, **Afonso da Maia**, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. (QUEIRÓS, 2009, vol. I: 6, **grifo da autora**).

A leitura desse trecho inicial da tragédia compreende a apresentação não só da família Maia, mas, especificamente, a inserção da figura principal da família: o patriarca Afonso, cujo caráter relembra o caráter elevado das personagens trágico-clássicas. Carlos da Maia, neto de Afonso e criado pelo avô devido ao suicídio do pai – motivado pelo relacionamento malogrado com Maria Malforte – afirma que o avô lembra “[...] um varão esforçado das idades heroicas, um D. Duarte Menezes ou um Afonso de Albuquerque” (QUEIRÓS, 2009, p.10).

As referências antroponímicas citadas por Carlos, um conde africano e um imperador português, permitem a percepção de que Carlos creditava ao avô o caráter superior de tais personalidades. A homonímia¹ de prenomes em “Afonso da Maia” e “Afonso de Albuquerque” inicia o âmago supersticioso (GUÉRIOS, 1973) que o nome próprio exerce no romance, uma vez que a própria macro semântica textual constrói a “superstição de que o

¹ A homonímia é um fenômeno onomástico em que há semelhança de nomes próprios, ainda que não haja parentesco.

nome exerce ou poderá exercer influência na pessoa [ou personagem] que o traz” (GUÉRIOS, 1973:20).

Em referência à estrutura, a obra de Eça de Queirós segue diversos elementos da tragédia clássica. Como exemplo, podemos mencionar a peripécia – repentina transformação que altera a face das coisas e modifica a ação e situação das personagens (ARISTÓTELES, 1973) – a qual se media pelo encontro entre Carlos e Maria Eduarda. A partir dessa modificação na existência de ambas as personagens chega-se a *hybris*, ou seja, à violação à norma, especificamente, ao incesto praticado inicialmente de forma inconsciente pelos irmãos.

Ao final da tragédia, quando Carlos Eduardo tem ciência de que estava em um relacionamento incestuoso, antes que sua irmã também ciente do fato estivesse, a personagem tem uma última relação sexual com Maria Eduarda, o que demonstra que o caráter do herói – já ao longo do livro psicologicamente associado ao ócio, ao luxo e ao adultério – corrompe-se facilmente a um deleite amoroso, ainda que este o fosse em companhia de sua irmã. Neste momento, portanto, chega-se ao que Williams (2002:120) denomina de enfoque na “psicologia individual” da personagem, a partir do qual se relaciona de maneira absoluta a (re)instauração do trágico à decisão da personagem, comum às tragédias modernas.

Porém, para que pudéssemos considerar “Os Maias” absolutamente uma tragédia moderna seria preciso que desconsiderássemos os agentes determinantes presentes na obra, bem como que visualizássemos o conflito trágico mediante a centralização no caráter do indivíduo:

[...] o destino no drama moderno não é mais transcendente e dependente dos deuses ou dos poderes acima dos deuses; mas está implícito no caráter do herói. Pelo caráter desregrado é que o herói vai ao desastre, seu caráter é sua ruína. O conflito trágico centra-se no indivíduo; ele não tem a sensação dos antigos de que é vítima do destino. (COSTA, 1988:38)

É perceptível, porém, que o individualismo das personagens, instaurador de suas próprias tragédias, mescla-se às características deterministas da tragédia clássica, o que nos leva, pois, a considerar o caráter híbrido da obra. Antes que ilustremos o caráter determinista em “Os Maias”, mediante a explanação dos nomes próprios e do espaço enquanto agentes do trágico, consideramos relevante ressaltar que, ao redor do macro ato trágico, ou seja, da relação incestuosa, há diversas ações satélites trágicas que pressagiam a fatídica relação dos irmãos, como o relacionamento entre Pedro e Maria – não aprovado por Afonso – que tem por consequência a fuga de Maria Monforte, o suicídio já mencionado de Pedro e a criação de Carlos Eduardo por Afonso da Maia:

[...] Maria tinha fugido de casa com a pequena... Partiu com um homem, um italiano... E aqui estou! Afonso da Maia ficou diante do filho, quedo, mudo, como uma figura de pedra; e a sua bela face, onde todo o sangue subira enchia-se pouco a pouco, de uma grande cólera. Viu, num relance, o escândalo, a cidade galhofando, as compaixões, seu nomena lama (QUEIRÓS, 2009, vol. I:34).

[...]

A madrugada clareava Afonso ia adormecendo – quando de repente um tiro atirou a casa [...] Do quarto de Pedro ainda entreaberto vinha um cheiro de pólvora; e aos pés da cama, caído de bruços, numa Poá de sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou seu filho morto, com uma pistola na mão [...] Afonso da Maia partia com o neto e com todos os criados para a quinta de Sta. Olávia (QUEIRÓS, 2009, vol. I: 39-40).

Afonso da Maia criou o neto sem influências católicas e românticas, as quais julgava terem sido prejudiciais e deterministas no futuro trágico do filho Pedro. Porém, a volta do neto e do avô para Lisboa inicia, novamente, a derrocada da família. Ademais, posteriormente à própria desmedida ou *hybris de* Carlos Eduardo, ou seja, a relação incestuosa com a irmã, a morte de Afonso, única personagem que não se corrompe pelo meio, representa a finalização do ciclo trágico, trazendo niilismo à figura de Carlos Eduardo e denunciando a possível não propagação da família Maia:²

² A derrocada da família está associada à derrocada do Ramalhete, conforme se demonstrará.

[...] O avô viu-me esta manhã quando entrei! E passou, não me disse nada... Sabia tudo, isso que o matou!...[...] Aceito isto como um castigo...Quero que seja um castigo... E sinto-me só muito pequeno, muito humilde de quem assim me castiga. Esta manhã pensava em matar-me. E agora não! É o meu castigo viver, esmagado para sempre... (QUEIRÓS, 2009, vol. II: 250)

Para Carlos Eduardo, a morte do avô – ocasionada por um infarto – é unicamente devida à compreensão de Afonso acerca da relação incestuosa entre seus netos, o que traz culpa a Carlos e lhe faz ver a morte do avô sob a ótica de um castigo determinado pela desmedida.

Para além da estrutura cíclica, o próprio enredo dá indícios de uma recíproca interação entre o drama, essencial à tragédia, e o romance, a qual se materializa em uma tessitura textual rica em traços descritivos e personificadores do presságio, principalmente pelo detalhamento espacial e função determinista, bem como pela criação de um paradigma metafísico com relação ao nome, conforme se pormenoriza abaixo.

Agentes trágico-determinantes em “Os Maias”

A tragédia de Eça de Queirós aloca-se sobre uma lógica circular, na qual a grande força trágico-centrípetra centraliza-se nos traços deterministas do espaço, bem como pressagiosos do antropônimo, ambos agindo como outrora o fizeram os deuses: manipulando as ações das personagens, influenciando seu comportamento, bem como instaurando o paradigma metafísico essencial à existência da tragédia (STEINER, 2006).

Para Guérios (1973), a crença de que o nome próprio age sobre o indivíduo denomina-se Onomatômância. Para os detentores dessa superstição, como se faz perceptível os serem a maioria do núcleo familiar em “Os Maias”, há influências ocultas sob o nome, mediante as quais se faz possível herdar ou não qualidades ou predicados, o que nos leva ao nome e sua relação de predestinação na tragédia híbrida de Eça de Queirós.

O nome próprio por si só carrega, enquanto signo linguístico em função onomástica, uma aproximação do significante para o referente, o que pode gerar certas atitudes linguísticas deterministas relacionadas à nomeação. Para além das funções de caracterização e conotação (sumarização, antíteses, alegorias, entre outras) já conhecidas com relação ao nome literário, teorizadas pelo viés da Onomástica Literária pelo autor alemão Debus, (2002) e retomadas, nesta mesma linha, no contexto brasileiro, por Eckert (2016; 2018) e Camargo (2018), na obra Portuguesa “Os Maias”, pode-se afirmar, por sua vez, que, em um viés pragmático, a nomeação dialoga com o que Frazer (1890), Kleinpau (1921), Baldus (1937), Lévi-Strauss, (1962) entre outros já atestavam sobre a crença na existência de uma relação mágica entre “nome e coisa”. Essa perspectiva difundida pela Etnografia e Antropologia como um todo é retomada por Biderman (1998) quando a autora, ao tratar do léxico, retoma tal “dimensão mágica da palavra”, dando ênfase ao nome próprio como um repositório informacional subjetivo, o qual, por sua vez, pode expressar crenças onomatômicas, como se demonstra neste estudo, pelo qual se traz à luz o conjunto de prenomes ficcionais em “Os Maias” como um alinhamento enciclopédico onomínico-subjetivo da construção de um paradigma mítico, em que o nome define o destino de quem o porta, solidificando o determinismo trágico clássico.

A peripécia ou encontro entre Maria Eduarda – filha de Pedro que fora levada pela mãe para a Inglaterra – e Carlos Eduardo – também filho de Maria e Pedro, criado pelo avô em Portugal – é precedida do anúncio do nome de Maria Eduarda a Carlos Eduardo e materializa características da Onomatômica, mediante o primeiro presságio que Carlos Eduardo tem com relação ao encontro:

Maria Eduarda! Era a primeira vez que Carlos ouvia o nome dela; e pareceu-lhe perfeito, condizendo bem com a sua beleza serena. Maria Eduarda, Carlos Eduardo... Havia uma similitude nos seus nomes. Quem sabe se não

pressagiava a concordância dos seus destinos! (QUEIRÓS, 2009, vol. II:10)

Nesse momento do enredo, faz-se perceptível não apenas a crença irracional de que um nome pode condizer ou não com determinadas características físicas de um indivíduo, conforme já exposto anteriormente com relação ao nome de Afonso da Maia, mas se instaura a função literária do antropônimo ficcional enquanto presságio, bem como sua força determinista capaz de selar o entrecruzamento dos destinos das personagens, como se faz perceptível pelo próprio discurso psicológico de Carlos Eduardo.

Posteriormente ao descobrimento do romance incestuoso e a morte de Afonso, faz-se marcante, ainda com relação ao nome ficcional, o modo como, após a desmedida, interessa a Carlos vislumbrar a irmã: aquela que, em reclusão, guardaria a tragédia da família. E isso se faria somente possível ao longo dos tempos pela alteração oficial de sobrenome de Maria Eduarda:

Maria Eduarda ia casar (QUEIRÓS, 2009, vol II: 278)
[...] é como se ela morresse, morrendo com ela todo o passado [...] já não é Maria Eduarda. É Madame Trelain, uma senhora francesa. **Sob este nome, tudo o que houve fica sumido**, enterrado a mil braças, findo pra sempre, sem mesmo deixar memória. (QUEIRÓS, 2009, vol. II: 280-281, **grifos da autora**).

O trecho apresentado conota a relevância histórico-subjetiva do sobrenome, bem como tudo o que se guarda sob este: linhagens, origens, segredos, identidades, tragédias. Para Rabant (1993):

[...] O que não se diz na história, se repete. Mas o que não se diz não se reduz ao acontecimento silenciado ou à lei secreta, é a ausência de nome para um deslocamento e uma deformação que tornaram o acontecimento inacessível e a lei sem rosto. (1993, RABANT: s.p).

Logo, a alteração do nome da personagem, antes Maria Eduarda Maia, agora Madame Trelain, configura uma mudança não só da própria identidade da personagem, que se viu obrigada a se fragmentar a fim de tornar possível o seu convívio subjetivo com o trágico, mas um silenciamento coletivo e histórico do episódio trágico que findaria as gerações da família Maia. A composição do presságio e o teor determinista que o nome próprio exerce na narrativa “Os Maias” também se faz perceptível no momento da escolha do nome Carlos Eduardo por Maria Monforte:

Pedro quis dar ao pequeno o nome de Afonso. Mas nisso Maria não consentiu. Andava lendo uma novela de que era herói o último Stuart, o romanesco príncipe Carlos Eduardo [...] Carlos Eduardo! Um tal nome parecia-lhe conter todo um destino de amores e façanhas”. (QUEIRÓS, 2009, vol. I: 30).

A decisão de Monforte com relação à nomeação do filho não se dá por “motivos de família ou amizade” (GUÉRIOS, 1973: 29) conforme desejava o marido, Pedro, a quem interessava homenagear o pai, Afonso, mas sim sob influência da Literatura. Podemos inferir, pois, que Monforte buscava, no momento da nomeação de Carlos, determinar-lhe “um destino de amores e façanhas”, acrescentando ao filho o caráter aventureiro de um herói cavaleiresco em detrimento do caráter tradicional de Afonso; percebe-se, pois, novamente, a perspectiva determinista do nome: *Nomen est omen*³.

Para além do nome próprio, a descrição dos *lócus* narrativos e, principalmente de um deles: “o Ramalhete” permite a perspectivização trágica em Os Maias. A casa da família Maia em Lisboa denominada Ramalhete materializa superstições deterministas que rondam a família e converge, também enquanto força centrípeta – assim como o nome próprio – a dinâmica determinista da tragédia clássica:

³ Máxima de Plauto: Nome, augúrio.

Longo anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de **tons de ruína** [...] inútil pardieiro [...] aludia mesmo a uma **lenda segundo a qual eram sempre fatais as paredes do Ramalhete** (QUEIRÓS, 2009, vol. I: 6-7, **grifos da autora**).

O que Steiner (2006) contempla enquanto um paradigma metafísico e não racional para a instauração da tragédia, relacionando-a unicamente à sociedade grega, faz-se perceptível em uma sociedade burguesa: Lisboa de meados do século XIX, mediante cuidadosa descrição geradora de determinismos, destinos fatídicos, lendas e crenças em geral. A função determinista do Ramalhete para a instauração do ambiente metafísico confirma-se ao final do romance, quando a casa dos Maias volta a ser citada, selando, como no início, o fim da tragédia:

Depois, na rua, Carlos parou, deu um longo olhar ao sombrio casarão, que naquela penumbra tomava um aspecto mais carregado de residência eclesiástica, com suas paredes severas, a sua fila de janelinhas fechadas, as grades dos postigos térreos cheias de treva, mudo para **sempre desabitado, cobrindo-se já em tons de ruína**. (QUEIRÓS, 2009, vol. II: 281, **grifos da autora**).

Segundo Ubersfeld (2010 apud NASCIMENTO, 2016), no drama, a personagem e o espaço são duas categorias importantes e indissociáveis; isto, porém, de acordo com Filho (2007) pode se repetir no romance e até se intensificar, a partir do momento em que o ambiente pode agir de forma a fazer de suas características as próprias características das personagens, levando-as a uma homogeneização (FILHO, 2017: 37); logo os tons de ruína do Ramalhete passam a representar os tons de ruína da própria família; a mudez do ambiente e seu destino de para sempre estar desabitado permite, ainda, a inferência de que a linhagem dos Maias também se silenciara assim como a tragédia.

Ademais, o ciclo trágico inicia-se pelo nome da família, que também o finaliza, mediante o apagamento; bem como pela descrição do Ramalhete, instaurando um espaço inicial e final (FILHO, 2007) que se repete e finaliza o ciclo trágico. É possível, portanto, afirmar que o Ramalhete, em “Os Maias”, age enquanto determinante do trágico materializando-se em

[...] lugar [que] cumpre seu destino que é a afirmação e confirmação de credences e superstições populares sobre seu estatuto de amaldiçoado e assombrado, ou seja, de lugar que influencia o comportamento, as atitudes e as decisões humanas, ou ainda, lugar que interfere na existência, na vida e no destino dos indivíduos (NASCIMENTO, 2006:148)

A confirmação do Ramalhete enquanto agente do trágico esclarece o fato de que a descrição desse espaço não age em contraste com a descrição das personagens, bem como que, assim como o nome próprio conota presságio e determinismo, o Ramalhete antecipa a própria tragédia, alertando o leitor sobre possíveis peripécias genuinamente findadas em desmedidas, conforme figura na tragédia clássica.

Considerações Finais

A breve investigação a que nos propomos com relação à obra “Os Maias”, mediante a perspectivização trágica, possibilitou a percepção de um enredo trágico-dramático permissivo da hibridização de elementos clássicos e modernos da estética da tragédia, levando-nos a considerar a existência de uma tragédia burguesa híbrida representativa da sociedade lisboeta do século XIX. O diálogo entre esses elementos duplos geralmente considerados em sua essência teórico-opositiva – “clássico x moderno”, “romance x tragédia” – efetiva-se no enredo da obra principalmente pelo entrecruzamento de agentes do trágico: os nomes próprios e a descrição dos espaços.

Os primeiros, para além da função habitual de caracterização, alcançam o *status* de agentes do trágico quando passam a permitir a construção de um paradigma sociocultural mítico – comum às tragédias clássicas –, mediante a materialização de determinismos irracionais, crenças onomínicas, presságios, entre outros. Já a descrição dos espaços, principalmente do Ramalhete, figura a determinação do local sobre a ação da personagem, bem como uma homogeneização tão intrínseca entre espaço e personagem que o fazem um só. Ademais, o Ramalhete representa um lócus catalisador de crenças, lendas, entre outras convicções irracionais, readequando, ainda mais, o ambiente necessário a tragédia clássica defendido por Steiner (2006).

Por outro lado, não poderíamos tampouco facilmente considerar a obra uma tragédia clássica, uma vez que o caráter e a individualidade das personagens são focalizadas em muitos momentos, principalmente quando ambos interferem na prática do incesto pela ótica racional da personagem Carlos Eduardo; perspectiva que se faz comum às tragédias modernas. Logo, com base no exposto, além da obra de Eça de Queirós “Os Maias” figurar criticamente um retrato da vida burguesa da sociedade lisboeta mesclando-o à estrutura híbrida de um romance e de uma tragédia, os próprios elementos da estética da tragédia se fazem híbridos, contemplando fatores do clássico – solidificados pelos agentes do trágico – e do moderno – ilustrados pelo caráter do “herói” e suas escolhas individuais – o que nos faz defender a hibridicidade da obra, configurando-a enquanto uma tragédia híbrida luso burguesa.

Recebido em 18/03/2020
Aceito em 20/04/2020
Publicado em 29/07/2020

Referências

Aristóteles. (1966). *Poética*. Porto Alegre: Globo.

- Baldus, Hebert. (1937). *Ensaio de etnologia brasileira*. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife: Companhia editora Nacional, 1937.
- Biderman, Maria Tereza. (1998). Dimensões da palavra. In: *Filologia e Lingüística*, n. 2, 81-118.
- Camargo, Amanda Kristensen de.(2018) Nomes próprios no romance contemporâneo O Berro do Cordeiro em nova York: um estudo onomástico exploratório. 159 f. *Dissertação* (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
- Costa, Lígia Militz da; Remédios, Maria Luiza Ritzel. (1988). *A Tragédia: Estrutura e História*. São Paulo: Ática.
- Debus, Friedhelm. (2002). *Namen in literarischen Werken. (Er-)Findung - Form - Funktion*, Stuttgart.
- Eckert, Kleber; Röhrig, Maiquel. (2016). Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar. *Revista GTLex*. v. 2, n. 1, jul./dez.
- Eckert, Kleber; Röhrig, Maiquel. (2018). Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 26, n. 3, 1277-1294.
- Guérios, Rosário Farâni Mansur. (1973). *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria.
- Filho, Oziris Borges. (2007). *Espaço e literatura: introdução à toponálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora.
- Frazer, Sir James George. ([1890], 1982). *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- Kleinpaul, Rudolf. (1921). *Die Deutschen Personennamen: Ihre Ebersrehung und Bedeutung*. Berlim e Lípsia.
- Leite, Cláudia Aparecida de Oliveira.(2008). *Quando o corpo pede um nome – a título provisório*. Campinas, SP: [s.n].
- Lévi-Strauss, Claude. (1962). *O totemismo hoje*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- Nascimento, Danilo de Oliveira.(2016).Perspectivização trágica e espaço do trágico na Literatura Brasileira. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 17, n. 30., 140-155, ago./dez.
- Nietzsche, Friedrich Wilhelm. ([1873]1995). *A Filosofia na Idade trágica dos Gregos*. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Elfos Editora; Lisboa: Edições 70.
- Queirós, Eça de. (2009). *Os Maias*. São Paulo: Editora Escala.
- Rabant, Claude.(1993).*Inventar lo real*.Buenos Aires: Nueva Visión.
- Steiner, George.([1961] 2006)..*A morte da tragédia*.São Paulo: Perspectiva.

Van Langendonck, Willy. (2007). *Theory and typology of proper names*. Berlin: Walter de Gruyter.

Williams, Raymond.(2002).*Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac &Naify.